



GIZ

Boîte Rouge VIF,
Quebec, Canada

CARL MORASSE

INDIAN TIME DOSSIÊ OLHARES CRUZADOS



INDIAN TIME

31'10", 2016

direção e câmera: Carl Morasse **câmera adicional:** Bogdan Stefan, François-Mathieu Hotte, Olivier Bergeron-Martel, Maxime Girard, Mendy Bossum-Launière, Laurent Jérôme **edição:** Carl Morasse **pósprodução:** Peak Média **colorização:** Samuel Veillet **mixagem de som:** Martin Lemay **locação:** comunidades autóctones de Quebec **produção:** La Boîte Rouge VIF **apoio:** Office National du film du Canada – Aide au cinéma indépendant (ACIC), Conseil des arts et des lettres du Québec (CALQ), Conseil des arts du Saguenay (CAS), Secrétariat aux affaires autochtones du Québec (SAA), La Fondation TIMI et Université du Québec à Chicoutimi (UQAC) **idioma original:** Francês, Inglês, Atikamekw, Innu, Inuktitut et Eeyou (cri) **legendas:** Francês e Inglês **legendas em português:** Kethyllin Santos da Silva

O CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO FILME *INDIAN TIME* E AS ATIVIDADES DA BRV

Entre 2010 e 2013, A Boîte Rouge VIF realizou uma grande turnê de consulta junto a 18 comunidades de *As Primeiras Nações* e os *Inuit* do Quebec. A BRV era, então, parceira do Museu da civilização em Quebec na renovação de sua exposição permanente, referência para ambos os grupos (É a nossa história. Primeiras Nações e Inuit no Século XXI). A Boîte Rouge VIF era responsável pela condução de um amplo processo de consulta com as nações indígenas ao longo das várias etapas de produção da exposição. Durante este trabalho um vasto autorretrato cultural foi coletado, por meio de um programa de atividades em cada comunidade visitada (entrevistas com especialistas, grupos de discussões, inventários temáticos, visitas documentadas das comunidades e territórios tradicionais e atividades lúdicas com os jovens). Uma enorme quantidade de arquivos foi reunida, somando, notadamente, cerca de 250 horas de material audiovisual. Além das entrevistas e das discussões filmadas, quatro estratégias principais foram implementadas, explorando as especificidades do meio cinematográfico com o intuito de dar voz à palavra indígena: a) visita guiada à comunidade e aos territórios adjacentes, b) entrevista em torno dos mapas dos territórios frequentados por esta comunidade, c) vox pop - uma câmera colocada em um local isolado, onde o participante sozinho pode enviar uma mensagem diretamente para a câmera com total liberdade, d) colocar-se a disposição para desencadear e aproveitar as oportunidades para filmar planos livres. Deste material coletado, 24 obras sob encomenda foram realizadas para fins da renovação da exposição permanente do MCQ, ou seja, 11 perfis (um para cada uma das nações indígenas do Quebec), bem como 13 cápsulas temáticas abordando temas importantes identificados durante a análise de conteúdo. No entanto, não foi utilizado todo o material videográfico da consulta para a roteirização da exposição, uma vez que totalizava 250 horas de gravação de imagens em movimento. Como numa escavação arqueológica, o filme *Indian Time* extraiu desse acervo a singularidade do olhar do diretor.

A BOÎTE ROUGE VIF

A La Boîte Rouge VIF (BRV) é uma entidade cultural indígena sem fins lucrativos. A sua gestão é assegurada por um conselho de administração de maioria indígena. Sua missão é promover as culturas indígenas, contribuindo para a transmissão, difusão e afirmação de suas identidades. A BRV inspira-se nos saberes indígenas para elaborar metodologias colaborativas de transmissão por e com as comunidades, e privilegia a criação por meio de várias formas de expressão artística (design, museologia, cinema, novas tecnologias de interatividade e web).

Ao longo das etapas do projeto de transmissão cultural, o vídeo tornou-se um fiel companheiro de múltiplas funções. Utilizada inicialmente como ferramenta de armazenamento e de documentação em projetos de pesquisa, a captação evoluiu depois para uma produção documental que hoje é a marca do reconhecimento da entidade: o cinema de mediação cultural.

A prática de um cinema voltado para a mediação cultural, tal como praticada pela BRV, inscreve-se sistematicamente num contexto de valorização dos indivíduos, vítimas do colonialismo que ainda vivem a opressão. Estabelecer uma relação de confiança mútua e igualitária é, portanto, vital para que todos se tornem, ao mesmo tempo, copesquisadores e co-criadores. Os cineastas mediadores da BRV trabalham, assim, em estreita colaboração com os próprios detentores do patrimônio cultural, de modo que a obra fílmica de transmissão esteja articulada à lógica cultural da comunidade. Aqui, ao contrário de uma dinâmica de criação, na qual o desafio do cineasta está na sua expressão pessoal (filme de autor), a missão do cineasta mediador não se inscreve somente no uso de seu saber artístico em benefício de uma expressão cultural individual ou coletiva, mas também em definir com eles o método a ser empregado.

São estas as mais recentes exposições da BRV: *L'univers des Innus d'Ekuanitshit [O universo dos Innus de Ekuanitshit]* (2013-2015), *Mziwi Abida / Prenons tous place [Mziwi Abida / Instalemo-nos todos]* no Museu Abenakis em Odanak (2014), *Parce que l'urbanité est aussi Anicinabe [Porque a urbanidade é também Anicinabe]*, em parceria com o Centro de Amizade indígena de Val d'Or (2013-2014), *C'est notre histoire. Les Premières nations et les Inuit au XXXième siècle [Esta é a nossa história. As primeiras nações e os Inuit no século XXXI]* em parceria com o Museu da civilização de Quebec (2013). Entre outras realizações, em andamento, a BRV trabalha no site *Internet Voix, visages, paysages [Vozes, rostos, paisagens]*, a exposição itinerante *Ces femmes autochtones disparues ou oubliées [Essas mulheres indígenas desaparecidas ou esquecidas]*, uma exposição virtual *Lieux de rencontres [Locais de encontros]* bem como um site na forma de uma narrativa sonora em línguas indígenas.

Vale sublinhar que, no âmbito da revista GIS, a BRV realizou desde 2008, em parceria com o Museu do Índio e a FUNAI, inúmeros projetos de pesquisa no Brasil, notadamente em cinco comunidades guarani do sul do estado do Rio de Janeiro. Igualmente desenvolveu uma parceria (2013-2016) com o LISA, do departamento de antropologia da Universidade de São Paulo, e o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) no âmbito do projeto *Olhares Cruzados*. A Universidade de Quebec em Chicoutimi acaba de obter a Cátedra de pesquisa sobre a palavra indígena na UNESCO, uma cadeira da qual são membros a BRV, o LISA e o CTI.

OS POVOS INDÍGENAS E OS INUIT DO QUEBEC. BREVE PANORAMA

A Constituição canadense reconhece três grupos de povos autóctones: os Índios (mais frequentemente chamados de *As Primeiras Nações*), os *Inuit* e os *Métis* (Mestiços). De acordo com o censo de 2016, essas populações totalizam 1.673.785 indígenas, o que representa 4,9% da população canadense. Setenta línguas indígenas são declaradas no Canadá, mas apenas 15% dessas populações falam a sua língua no seio familiar. *As Primeiras Nações* do Canadá são representadas por mais de 50 povos totalizando 60% da população indígena, falantes de mais de 50 idiomas e os *Inuit* representam cerca de 2%.

Os protagonistas do filme *Indian Time* estão representados pelos dez grupos de *As Primeiras Nações* e pelos *Inuit* de Quebec. As nações que vivem na província do Quebec são: Waban-Aki (Abenakis), Anishnabeg (Algonquians), Atikamekw, Eeyou Cree), Hurons-Wendats, Innu/Ilnus, Inuit, Wolastoqiyik Malécitas), Mi'gmaq, Kanien'heká:ka (Mohawks), Naskapis (ver o mapa do Quebec). De acordo com o último censo de 2016, essas populações indígenas totalizavam 182.890 pessoas. Existem dez línguas indígenas no Quebec e cerca de um terço desta população se serve de sua língua materna em casa.

As primeiras datações que se tem notícia de *As Primeiras Nações* de Quebec são aproximadamente dos anos -12500 e de -6000 até -3000, de vários sítios arqueológicos que testemunham a sua presença tanto no norte quanto no sul da província. Em 1500 contatos foram estabelecidos entre os indígenas do Quebec e os pescadores e os baleeiros europeus. Em 1534, com Jacques Cartier e, em 1608, com Samuel de Champlain se instaurou o Regime francês (1603-1763) interessado em criar Alianças. “Na Nova França, onde existia uma estrutura de poder herdada do período medieval, a integração das populações indígenas realizava-se no reconhecimento de suas diferenças, uma vez que elas tinham aceitado se submeter ao rei e se tornar os seus sujeitos” (Delâge e Warren 2017, 12). Não se tratava, desse modo, de uma assimilação completa. A conquista (1759-1760) da Nova França pela Inglaterra criou um regime completamente diferente para os indígenas. “A horizontalização do poder britânico... exigia que... os cidadãos fossem homogêneos nos seus princípios e seus valores, o que significava que populações culturalmente distintas seriam ordenadas, de um ponto de vista moral, da mais atrasada à mais avançada...” (ibid.) Os tratados entre as nações indígenas da “Confederação dos Sete Fogos” (*Confédération des Sept Feux*, 1760) tinham como objetivo criar uma força comum para se opor a esta grande virada da segunda metade do século XVII, mas o Império britânico queria ser o mestre de toda a região norte das Américas.

O filme *Indian Time* refere-se a todas essas decisões do Império para resolver de uma vez por todas o problema indígena. No seu artigo *O colonialismo canadense de ontem até hoje*, Corvin Russel explica tais políticas “de isolamento por meio da criação das reservas, territórios estreitamente controlados onde as autoridades coloniais restringem os movimentos e as atividades econômicas. Em 1842, paralelamente, foram criadas as primeiras escolas residenciais ou pensionatos para indígenas. Nestas escolas, o objetivo é claro: destruir o Índio dentro da criança” (Russel 2017,100)

Essas políticas de isolamento e de assimilação consolidam-se mais profundamente durante a fundação da Confederação Canadense em 1867, com a criação em 1876 da “*Lei sobre os índios*” (*La loi sur les Indiens*). Os povos indígenas tornaram-se uma minoria esmagada e renegada nos seus próprios territórios. Todavia, há pelo menos 20 anos, podemos falar de um verdadeiro renascimento dos povos indígenas no Canadá e no Quebec, tanto em termos demográficos, políticos, econômicos, culturais e artísticos. Certamente há ainda muitos desafios a serem superados em termos de educação, de língua, de saúde e de território, mas uma novíssima geração está chegando.

SOBRE O REALIZADOR

Morasse estudou na *Universidade de Quebec de Chicoutimi* (Canadá), onde obteve seu mestrado em arte, opção cinema. Seu trabalho em La Boîte Rouge VIF (BRV) o leva a definir-se como cineasta-mediador, pois suas múltiplas experiências em produção audiovisual consistiam, inicialmente, em documentar as várias atividades da BRV realizadas em campo. Esta primeira fase, de documentação, o conduziu a editar e realizar várias cápsulas videográficas com temas variados no âmbito de diversas exposições em museus e centros culturais indígenas. Nesta época sentiu um forte desejo de expressar sua visão por meio de filmes de autor. Todos esses vídeos e arquivos, correspondendo a muitos anos de experiência em campo nas comunidades indígenas, lhe abriram um caminho e lhe deram um olhar singular enriquecido pelos vários testemunhos indígenas sobre a sua história e a cultura, seus momentos felizes e dolorosos de suas vidas. Morasse desejou voltar às origens, à sua formação profissional em cinema e, assim, ter a oportunidade de ele mesmo roteirizar e editar um filme com total liberdade, sempre com o objetivo de respeitar e de valorizar a palavra indígena. Carl Morasse buscou explorar esse estar entre dois mundos onde sua criação pessoal podia se mesclar com a expressão da palavra dos Outros. Assim, buscou desenvolver uma trama narrativa para articular os depoimentos com base exclusivamente em seu olhar, fruto de sua experiência compartilhada. Não há meta-discurso acrescido, qualquer outra estratégia comunicativa

além da identificação dos participantes; um amplo espaço deixado para os indivíduos, para um discurso restaurado a partir de múltiplas vozes. Disso resulta a transmissão da experiência de um espaço-tempo “indígena”, imposto por quem acolhe em sua casa, quem guia e é ator de seu próprio destino. O filme *Indian Time* constrói um espaço-tempo no qual se assume a presença do cineasta e onde este compartilha com o espectador seus encontros privilegiados.

BIBLIOGRAFIA

DELÂGE, Denys, 1985 : *Le Pays renversé. Amérindiens et Européens en Amérique du Nord-Est, 1600-1664*, Montréal, Boréal

DELÂGE Denys et WARREN Jean-Philippe, 2017 : *Le Piège de la liberté. Les peuples autochtones dans l'engrenage des régimes coloniaux*, Montréal, Boréal

DRAPEAU, Lyne sous la direction de, 2011 : *Les langues autochtones du Québec. Un patrimoine en danger*, Montréal, Presses de l'Université du Québec.

KAINE, Élisabeth avec la collaboration de KURTNESS Jacques et TANGUAY Jean, 2016 : *Voix Visages Paysages. Les Premiers Peuples et le XXIème siècle*, Québec, Presses de l'Université Laval

RUSSELL, Corvin, 2017 : « Le colonialisme canadien, d'hier à aujourd'hui ». in *Autochtones et société québécoise, Nouveau Cahiers du socialisme*, no. 18, p.98-105

CARL MORASSE

Trabalha e ensina em Chicoutimi, Canadá. Cineasta etnógrafo da Associação indígena La Boîte Rouge Vif há doze anos, percorre os territórios físicos e imaginários do Québec fascinado pelas identidades culturais, pela relação com o Outro e pelas questões contemporâneas. Sua abordagem artística levou-o a considerar a prática do documentário como uma ferramenta de reapropriação tasidentitária. *Filmes de longa metragem* : *Indian Time* (2016). Curtas: *L'univers des Innus d'Ekuanitshit* (2015), *C'est notre histoire: Premières Nations e Inuit du Québec au 21^e siècle* (2013), *Préliminaires* (2011), *Matière première* (2008), « *Approche commune* (2007), *Fragments d'un sommet oublié* (2004), *Sélection Naturelle* (2003), *Ainsi les Bergers* (2002).

tradução

Pierre Laplanche

revisão técnica

Paula Morgado

Dias Lopes

recebido

13.11.2017

aprovado

14.01.2018

